

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

LUANA MIKELLYN DE PAULA
PHAMELLA FRANCINY MONTEIRO

As Consequências Associadas à Violência Obstetra na Saúde da Mulher

RECIFE/2024

**LUANA MIKELLYN DE PAULA
PHAMELLA FRANCINY MONTEIRO**

As Consequências Associadas à Violência Obstetra na Saúde da Mulher

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Enfermagem
do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Dr. Caio César da Silva
Guedes

RECIFE

2024

**LUANA MIKELLYN DE PAULA
PHAMELLA FRANCINY MONTEIRO**

As consequências associadas à violência obstetra na saúde da Mulher

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador – Titulação

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

Dedicamos este trabalho a todas as mulheres em suas múltiplas diversidades que sofreram com a violência obstétrica, que esse trabalho seja um tijolinho na construção dessa luta, que traga também reflexões acerca do tema.

Agradeço primeiramente a Deus por ter conseguido e vencido cada desafio desses 5 anos da minha vida acadêmica, por ter chego até aqui e ter concluído esse ciclo na minha vida. A minha padroeira Santa Luzia que até aqui intercedeu por mim.

Agradeço a minha família, meu Alicerce, que me apoiou em tudo que eu quis fazer até hoje.

A minha avó Maria do Carmo que hoje não se encontra mais entre nós, mas me mostrou uma força que eu não imaginava que tinha, que tinha orgulho da primeira neta a se tornar enfermeira.

A minha mãe Jacira dos Anjos por sempre me apoiar, me guiar pelos melhores caminhos, me aconselhar, e me dar forças nos momentos mais difíceis e por me mostrar que eu conseguia.

Aos meus irmãos José Ricardo, José Luan e Lilyelton dos anjos por acreditarem em mim.

A minha sobrinha Bianca Benittes que me mostrou o amor mais puro e uma força que jamais imaginei que tinha, de proteção e de poder fazer tudo por ela.

Ao meu namorado Lucas Fernando que em meio de tanta turbulência me trouxe paz, sempre acreditou em mim, me incentivou, me aconselhou, caminhou junto comigo, viveu as minhas conquistas, festejou as minhas vitórias e pegou em minha mão quando eu pensava em desistir e mostrou que tudo seria possível.

Aos meus amigos que são poucos, agradeço por aguentarem minha ausência e muitas vezes minha falta de paciência e por ficarem felizes por mim em cada conquista.

E agradeço a mim mesma, por nunca ter desistido, por ser forte e corajosa, por ter passado por muitas coisas sozinhas e ter aguentado, sido guerreira, persistindo em meu maior sonho.

LUANA MIKELLYN DE PAULA

Agradeço primeiramente a Deus, que me trouxe até aqui e nunca me deixou fraquejar.

Agradeço em especial as minhas duas pessoas favoritas do mundo, minha mãe Jaqueline do Carmo Vieira da Silva e minha avó Edite Livina dos Santos, que a vida toda fizeram tudo por mim, e fizeram de tudo para realizar todos os meus sonhos, que sempre vibraram tão alto por mim que eu nunca ouvi quem não vibrou, que apoiaram cada escolha minha e me ajudaram a chegar onde estou hoje, sem vocês eu não sei o que seria de mim.

Agradeço a minha avó Maria do Carmo da Silva e minha bisavó Livina Maria da Conceição, que infelizmente não estão conosco hoje, mas que eu tenho certeza que dariam tudo para estar e que onde quer que estiverem, estão vibrando por mim.

Agradeço ao meu namorado Kevin Tho de Aguiar, que sempre me apoiou e me deu forças para estar aqui hoje.

Agradeço a minha eterna saudade Amora, que me mostrou o amor mais puro do mundo.

PHAMELLA FRANCINY MONTEIRO

“Que todas as mulheres, não só hoje, mas todos os dias sejam livres de qualquer violência e que não lhe sejam negados direitos à vida. Que sejam associadas a respeito e dignidade. ”

Maria Simão Torres

RESUMO

A pesquisa se propõe a observar quais são os principais fatores associados à violência obstétrica, os principais tipos de violência e a necessidade de boas práticas que vise o cumprimento dos direitos das mulheres. O trabalho foi pautado na revisão de literatura do tipo descritiva e integrativa. Esse texto foi construído mediante os descritores dos artigos das palavras-chaves violência obstétrica, parto, saúde da mulher, gestante, pós-parto, considerando os trabalhos de 2019 a 2023. Uns dos resultados encontrados foram que a desigualdade de gênero, falta de formação adequada, falta de empatia e comunicação eficaz entre os profissionais de saúde e gestantes, ambiente de parto inadequado, desinformação, cessaria desnecessária, esforço no puxo, raspagem dos pelos pubianos, condutas desrespeitosas e grosseira as puérperas, negar anestésias ou dar pouca anestesia são umas das violências mais comuns que acontecerem, por tanto é preciso evidenciar boas práticas no intuito de enfrentamento a esse tipo de violência, como por exemplo, manter as mulheres informadas em relação aos benefícios e riscos dos locais de parto, mulheres que estão em trabalho de parto devem ter acesso a todas as informações e serem incluídas na tomada de decisão. Podemos concluir que é essencial a realização de mais estudos voltados a esses casos de violência, pois mesmo esse tema sendo tão falado ainda sim possui casos dessa violação, que traz prejuízos para as mulheres, que haja a melhoria na assistência voltados a essas mulheres e seus bebês, e cada vez mais profissionais, sobretudo enfermeiras e enfermeiros capacitados.

Palavras-Chaves: Violência Obstétrica; Enfermagem, Boas Práticas.

The consequences associated with obstetric violence in women's health.

ABSTRACT

The research aims to observe the main factors associated with obstetric violence, the main types of violence and the need for good practices aimed at fulfilling women's rights. The work was based on a descriptive and integrative literature review. This text was constructed using the article descriptors of the keywords obstetric violence, childbirth, women's health, pregnant woman, postpartum, considering the works from 2019 to 2023. Some of the results found were that gender inequality, lack of training adequate, lack of empathy and effective communication between health professionals and pregnant women, inadequate birth environment, misinformation, unnecessary cessation, effort in pushing, shaving of pubic hair, disrespectful and rude conduct towards postpartum women, denying anesthesia or giving little anesthesia are some of the of the most common violence to occur, therefore it is necessary to demonstrate good practices in order to combat this type of violence, such as keeping women informed about the benefits and risks of birthing places, women who are in labor must have access to all information and be included in decision-making. We can conclude that it is essential to carry out more studies focused on these cases of violence, as even though this topic is so talked about there are still cases of this violation, which brings harm to women, that there is an improvement in assistance aimed at these women and their babies, and more and more professionals, especially nurses and trained nurses.

Keywords: Obstetric Violence; Nursing; Good Practices.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2 Materiais e métodos.....	11
2.1 <i>Tabela.....</i>	<i>11</i>
3 Resultados e discussão.....	12
3.1 <i>Violência Obstetra e enfermagem</i>	<i>12</i>
3.2 <i>Tabela</i>	<i>13</i>
4 Conclusões.....	20
5 Referências.....	21

1 Introdução

A Violência Obstétrica é um fenômeno que interfere diretamente a saúde da mulher. É um tipo de violência realizado pelos profissionais de saúde, que compreende desde abusos verbais, restringir a presença de acompanhante, que caracteriza pelo desrespeito, maus tratos, medicação administrada sem necessidade, procedimentos realizados sem consentimento da mulher, comentários constrangedores em razão da cor, da raça, da etnia, da religião, da orientação sexual, da idade, da classe social, do número de filhos, xingamento que possa trazer traumas psicológicos cometidos durante o momento da gestação e/ou parto¹.

Essa violência pode se manifestar em várias fases da gravidez, incluindo pré-natal, parto e puerpério. As mulheres que mais sofrem com essa negligência assistencial são mulheres negras, pessoas vulneráveis que não tem acesso à educação que vivem em situação precária que estão associadas a fatores socioeconômico, que não tem acesso ao pré-natal, que passam por isso e não sabem que estão passando por essa violência. Consiste em forma de violência que decorre dos processos assistenciais à gravidez, ao parto, ao pós-parto e ao abortamento².

As maiores causas de violência obstétrica é o esforço no puxo, Cesária desnecessária, raspagem dos pelos pubianos, condutas desrespeitosas e grosseiras as puérperas, negar anestesia, estratégia de empurrar o bebe para acelerar o parto, manobra de Kristeller restrição de alimentação. São exemplos dessa prática, a realização não concedida de episiotomia, restrição ao leito, o uso indiscriminado de ocitocina, a realização de cesariana sem indicação e o impedimento da presença de acompanhante³. Segundo a lei n.º 11.108, de 7 abril de 2005, que altera a lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990, que permite à mulher a presença de um acompanhante de sua escolha, durante todo o processo de parturição, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), tanto em unidades próprias quanto conveniada⁴.

A consequência que pode gerar na saúde da mulher em relação às causas da violência obstétrica é: contribuir para o aumento do medo experimentado por mulheres durante o nascimento de seus filhos, depressão pós-parto, contribui para complicações dos efeitos indesejáveis ao âmbito mãe-filho, estresse pós-traumático, traumas físicos e psicológicos irreversíveis, repercussões na saúde mental materna no desenvolvimento da criança, na percepção materna sobre o filho, no vínculo conjugal na amamentação e no desejo por outros filhos. As consequências repercutem no período pós – gestação⁵.

Dentro desse parâmetro o objetivo desse trabalho se propõe a observar quais são os principais fatores associados à violência obstétrica, consoante o que foram abordados em nossa pesquisa, os principais tipos de violência obstétrica que são qualquer ação que desrespeito a autonomia da gestante, causando assim danos físicos ou psicológicos, ou indo contra os seus direitos. A violência pode ser praticada de várias formas como, física, sexual, ou verbal, percebesse cada vez mais a necessidade de uma boa assistência no momento do parto, visando sempre o cumprimento dos direitos das mulheres.

2 **Material e Métodos**

O presente trabalho consiste em uma revisão da literatura do tipo descritiva e integrativa. Foi realizada a pesquisa na fonte de busca sobre Violência obstétrica na saúde da mulher, as causas e consequências dessa violência pormenorizando a importância do enfermeiro para a pesquisa de artigos científicos publicados em língua portuguesa, nas bases de dados do OMS, Google Acadêmico, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Scielo, no período de 2019 a 2023. Esse texto foi construído mediante os descritores dos artigos das palavras-chave Violência Obstétrica, Parto, Saúde da mulher, gestantes, pós-parto. Após a seleção dos artigos foram lidos e interpretados para a construção da fundamentação teórica proposta para este estudo, foram excluídos os artigos que não fizeram referência ao objetivo da pesquisa, artigos repetidos, artigos em outro idioma, artigos incompletos, artigos não publicados em bases científicas e estudos publicados anteriores ao ano de 2019. A partir desse levantamento bibliográfico foi elaborado um quadro indicando quais os bancos de dados, números de artigos encontrados, número de artigos que foram excluídos e o número de artigos que foram utilizados para desenvolver a presente pesquisa, de acordo com a tabela 1.

Tabela 1 – Artigos obtidos através das bases de dados.

Table 1 – Articles obtained through databases.

NOME DA BASE DE DADOS	ARTIGOS ENCONTRADOS	ARTIGOS EXCLUÍDOS	ARTIGOS UTILIZADOS
GOOGLE ACADÊMICO	25	15	10
BVS (Biblioteca virtual em saúde)	7	6	1
SCIELO	20	13	7
OMS	1	0	1
TOTAL	53	34	19

Tabela elaborada pelas autoras, 2024.

Table prepared by the authors, 2024.

3 Resultados e Discussões

A pesquisa realizada se deu nos principais meios digitais e acadêmicos como o Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde, Scielo e a OMS, sendo o Google Acadêmico a possuir o maior número de acervo e consequentemente de onde mais se utilizou artigos. Seguindo o objetivo da pesquisa e a proposta do presente trabalho de conclusão do curso, ao analisar um total de 27 trabalhos bibliográfico, entre artigos, teses, dissertação, revista, foram selecionados para embasar a pesquisa 14 trabalhos.

Com esses levantamentos, pesquisas e estudos foi verificado que nos últimos 5 anos (2019 - 2024) aumentou os casos de violência obstetra, tendo ao menos 40 mulheres que realizaram denuncia de negligencia assistencial no Brasil, após o caso de violência obstetra com uma paciente de Duque de Caxias. Os dados disponíveis foram levantados pela Associação de Doulas do Rio de Janeiro com colaboração da defensoria Pública Fluminense⁶.

3.1 Violência Obstétrica e a enfermagem

O papel do enfermeiro é fundamental para prevenir a violência obstétrica, se estabelece na atenção primária em contato direto com a gestante. É necessário treinar sua equipe sobre os tipos, causas e consequências da violência obstétrica para garantir um ambiente de cuidado, respeitoso a mulher, proporcionar uma assistência de qualidade no pré-natal, parto e pós-parto⁷. O chefe da equipe tem entre suas responsabilidades a educação em saúde tanto para a equipe de enfermeiros, quanto para a mulher, por exemplo, fornecer informações claras de todo o procedimento médico, garantir o consentimento informado da paciente, respeitar e defender suas escolhas durante o parto, garantindo um parto humanizado, tranquilo e sem traumas, com respeito e viabilizando da melhor forma possível os direitos das mulheres durante o parto⁷.

A equipe deve oferecer suporte emocional e físico conforme necessário envolvê-la ativamente nos processos de decisões. Demandando primariamente apoio, acolhimento, atenção e principalmente, humanização⁶. É nesse sentido que o/a enfermeiro/a tem um papel diferenciado no parto, auxiliando para que o parto possa ser humanizado, oferecendo métodos não farmacológicos, passando segurança, reforçando a autonomia da mulher e sua participação ativa, entre suas funções está o de apoiar a paciente durante o parto, monitorar os sinais vitais, acompanhar a evolução do parto, garantir o direito da mulher. A partir disso serão colocadas as questões que envolvem o parto da mulher e a função do enfermeiro, valorizar as habilidades técnicas do profissional, discutir sobre a importância da tomada de decisão, da autonomia e da valorização do trabalho em equipe interdisciplinar⁸.

Em seguida irá ser apresentados os objetivos e conclusões dos artigos selecionados, bem como a discussões desses textos.

Tabela 2 Síntese artigos selecionados na revisão da literatura sobre as causas e consequências da violência obstetra.

Table 2 Summary of articles selected in the literature review on the causes and consequences of obstetric violence.

AUTOR (A)	OBJETIVO	CONCLUSÃO
Leite, et al., (2024)	Apresentar o estado da arte da violência obstétrica no Brasil.	O investimento em pesquisas epidemiológicas estruturadas e representativas é fundamental para a compreensão mais aprofundada desse problema. Esses estudos fornecerão informações importantes para o desenvolvimento de políticas públicas mais adequadas ao contexto nacional, promovendo uma transformação efetiva nos serviços de saúde e garantindo o respeito aos direitos reprodutivos e à dignidade das mulheres.
Medeiro et al., (2024)	Realizar a análise do conceito de abuso sexual em crianças, identificando os possíveis atributos, antecedentes e consequências.	Foram identificadas alterações psicológicas, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. As consequências observadas foram de natureza psicológica como depressão e comportamento suicida.
Magalhães, R. C. M. de (2019)	O presente trabalho se propõe a discutir a violência obstétrica contra mulheres negras para trazer ao debate a representação social do corpo feminino para os profissionais de saúde em maternidades.	A pesquisa aponta que as desigualdades que atingem as mulheres no Brasil normalmente apontam para a presença de uma tríplice discriminação, qual seja, ser mulher, ser negra e pela questão social. Ainda, o fato de a mulher ser negra, enquanto ser indivisível vivencia graus extremos de violência que decorrem de racismo, sexismo e de preconceitos de classes sociais.
Menezes, F. R; REIS, G. M, SALES, A. A. S; JARDIM, D. M. B, LOPES, T. C. 2020	Este trabalho pretendeu compreender a percepção de residentes em Enfermagem Obstétrica sobre violência obstétrica em uma maternidade referência do município de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, Brasil.	O estudo aponta que as residentes reconhecem a prática da violência obstétrica no processo de formação e suas repercussões para a mulher e, ainda, evidencia a necessidade premente de investimento institucional em espaços que promovam discussões sobre a violência obstétrica.

Almeida, Natalie Maria de Oliveira de; RAMOS, Edith Maria Barbosa 2020	Realizar uma revisão sistemática de estudos acerca da violência obstétrica, refletindo sobre o direito da parturiente ao acompanhante enquanto meio de prevenção da incolumidade de sua saúde física e psicológica.	Essa violência fica evidente em diversas ocasiões, como na atenção mecanizada e técnica por parte dos profissionais de saúde e, pela presente pesquisa, nota-se que, em parte, esse tratamento ocorre na ausência de acompanhamento da gestante por uma pessoa de sua confiança, razão pela qual é possível afirmar que o cumprimento efetivo de leis que protegem o direito do acompanhante pode reduzir significativamente os casos de violência obstétrica.
Silva, Jordany Molline et AL 2022	Analisar a produção científica sobre a temática visando avaliar a influência atribuída ao viés racial na determinação da violência obstétrica dentro do contexto do período gravídico-puerperal.	A partir da revisão sobre a temática da violência obstétrica observou-se uma escassez ímpar de estudos, o que denuncia a necessidade de trazer à luz dos debates em saúde o tema em questão, sobretudo com enfoque no viés étnico/racial, visando uma assistência em saúde no ciclo gravídico-puerperal mais humanizada e satisfatória.
. Zanardo GL de P, Uribe MC, Nadal AHRD, Habigzang LF	Realizar ma revisão narrativa de estudos sobre violência obstétrica.	É apontado pelos (as) autores (as) a necessidade de uma conceituação de violência obstétrica, preferencialmente em documentos legais que a definam e criminalizem. Tal conceituação auxiliará na identificação e enfrentamento dessas situações.
Gusmão, R.O.M. et AL 2022	Conhecer a atuação do enfermeiro e os cuidados desempenhados em saúde mental na Estratégia de Saúde da Família.	Os enfermeiros têm desenvolvido ações de enfermagem no campo da saúde mental na Estratégia de Saúde da Família, e o apoio matricial atua como principal elemento facilitador da prática de enfermagem, reafirmando a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Em contrapartida, a sobrecarga de ações e a restrita formação em saúde mental são elementos que dificultam o trabalho desse profissional.

Nascimento MEB do, Sousa Q de CD de, Melo ABO de, Horta TB, Melo VC de A, Duarte PD, Lafetá MSF, Mendes AES, Mélo HRSB de, Rodrigues NCC, Garcia NA 2024	Ilustrar como equipes multidisciplinares podem contribuir para a prevenção da violência obstétrica.	A educação para a saúde pode reduzir a violência durante o parto, capacitar as mulheres e fornecer às mulheres grávidas conhecimentos vitais que podem ajudar a reduzir qualquer forma de violência durante o parto, um momento que deixa uma marca duradoura na vida das mulheres e das famílias.
Aragão, A. 2024.	Trazer para o público o debate de Especialistas ouvidos pela Comissão Especial sobre Violência Obstétrica e Morte Materna.	As mulheres negras morrem mais que as brancas, mesmo tendo a mesma escolaridade e o mesmo acesso ao pré-natal. Está comprovado que nós profissionais da enfermagem dedicamos menos tempo na assistência do pré-natal à mulher negra que à mulher branca.
Cancian.T. 2020	Explicitar o que é e quais são os tipos de violência obstétrica.	Muitas mulheres já sofreram violência obstétrica e sequer sabem disso, ou de seus direitos diante desta situação.

Vasconcelos, A.C.T. et al	Investigar as causas e consequências da violência obstétrica	É fundamental promover uma prática obstétrica segura, responsável e respeitosa, visando o bem-estar das mulheres durante o processo de parto e nascimento.
Ministério Público do Estado do Pará	Cartilha informativa sobre violência obstétrica, seus conceitos, apresentação de projetos, ensino a boas práticas.	Para ressignificar o olhar para a violência obstétrica e transformar o parto em um processo mais humanizado e respeitoso, é necessário um conjunto de ações que envolvem tanto mudanças estruturais no sistema de saúde quanto transformações culturais e sociais.

Quadro elaborado pelas autoras, 2024.

Table prepared by the authors, 2024.

Os artigos selecionados nos revelam que o combate de violência obstétrica ainda tem um longo caminho a ser percorrido, outro fator é a questão raça, as pesquisas demonstram como a escravidão a eugenia refletem até os dias atuais quando os dados demonstram que quem mais sofre com esse tipo de violência são mulheres negras, por serem consideradas mais fortes, recebem pouca ou nenhuma anestesia, muitas vezes são coisificadas e tem seus direitos violados^{2º}. Sem contar que são as mulheres negras que mais morrem em relação a mulheres brancas¹⁰.

Quando se trata do direito da parturiense é notório é a dificuldade de garanti-las pela violência ao gênero, sendo um dos significados da violência imposição de um grau significativo de dor e sofrimento que poderiam ser evitáveis, mas o que se ver são tratamentos desumanizados, abuso na medicalização e patologização dos processos naturais que acabam por retirar a autonomia da paciente, assim como afeta a sua capacidade de escolhas sobre seu corpo⁴.

Por tanto é preciso uma capacitação e avaliação continua dos profissionais, como por exemplo trabalhar com a percepção de residentes em enfermagem obstétrica sobre esse tipo de violência, é a partir disso que poderá se pensar no processo de formação e suas repercussões para a vida da mulher¹¹. No entanto é preciso formar profissionais, orienta-lo sobre as boas práticas, tratamento humanizado e o direito dessas mulheres.

Bem como uma educação permanente visando a prevenção a violência obstétrica⁵.

Para compreender esse processo, é preciso ter em mente que a violência obstetra se refere a práticas abusivas e desrespeitosas que as mulheres sofrem durante a gestação, parto e pós-parto⁸. Essas práticas podem ocorrer desde o momento da entrada da mulher em um ambiente hospitalar, sendo não apenas praticados pelos profissionais de saúde, como também no momento da chegada da gestante em um ambiente hospitalar, sendo negada ao atendimento ou a realização do parto e o impedimento do acompanhante, pois conforme a Lei n.º 11.108, de 7 de abril de 2005, também conhecida pela lei do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato no Sistema Único de Saúde (SUS)⁴, praticas essas realizadas na recepção/administração do hospital. Essas formas de violência podem incluir desde tratamento desumanizado, falta de consentimento dos processos médicos realizados, procedimentos invasivos sem justificativa e negação de cuidados adequados⁴.

Quem mais sofre essa negligência assistencial são mulheres negras, indígenas e de baixa renda, são as maiores vítimas dessa violência obstetra⁴. “As mulheres negras morrem mais que as brancas, mesmo tendo o mesmo nível de escolaridade e o mesmo acesso ao pré-natal, entende que a gestante precisa primeiramente de informação”, diz a presidente da Comissão em entrevista na Câmara dos Deputado¹².

A violência integra uma questão social com grande impacto em diversos âmbitos organizacionais, incluindo a saúde, a qual afeta o bem-estar físico, mental, social e sexual do indivíduo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como o uso premeditadamente da força física, ameaças e intimidações, tendo como consequências lesões, morte, danos psicológicos⁹.

A falta de informação também influencia muitos para o aumento de casos de violência obstetra, pois se as mulheres principalmente as de baixa renda e que não tem acesso à informação, tivesse o conhecimento das práticas realizadas em uma unidade hospitalar, que acarretam violência obstetra, as causas e consequência que essas práticas podem trazer para sala vida, haveria uma diminuição dos casos e denuncia se casos essas mulheres sofressem esse tipo de negligência, palestras, reuniões compartilhamento de existência e fornecer conhecimento pode reduzir qualquer forma de violência e prepara a mulher para tomadas de decisões no momento como também para o parto¹³. Essas práticas não só desumanizam o atendimento mais também compromete a saúde físico e emocional das mulheres.

Os transtornos mentais são quadros clínicos com manifestações psicológicas, que comprometem a funcionalidade biológica e social do indivíduo, as alterações pessoal, social, ocupacional, familiar e comportamental podem ter um grande impacto no desempenho, como isso o papel da enfermagem é de grande importância junto ao paciente, agindo diretamente na redução dos danos atuando, ainda, no acolhimento, no suporte às famílias e na realização do processo de enfermagem¹⁴.

Desigualdade de gênero, falta de formação adequada, falta de empatia e comunicação eficaz entre os profissionais de saúde e gestantes, ambiente de parto inadequado, desinformação, cessaria desnecessária, esforço no puxo, raspagem dos pelos pubianos, condutas desrespeitosas e grosseira as puérperas, negar anestésias ou dar pouca anestesia, ou ignorar as queixas de dor da mulher, estratégias de empurrar o bebe para acelerar o parto, manobra de kristeller, restrição de alimentação, falta de informação e conhecimento limitados sobre práticas e evidências desse tipo de violência pelos profissionais da saúde, práticas como episiotomia, também como a falta de fiscalização adequada nas instituições hospitalares, fornecer informações claras e singelas de todo o procedimento realizado desde o momento do pré-natal nas unidades básicas de saúde, é essencial para a reduzam desse tipo de violência. **Cesárias não indicadas** desnecessárias aumenta a probabilidade de problemas respiratórios imediatos para os bebês e triplica o risco de morte para as mães¹⁵.

Essas práticas podem ocasionar a consequências físicas como traumas e lesões, pois intervenções, como episiotomia e cessaria desnecessárias que podem causas danos, complicações a saúde, pois medicamentos inadequados e sem indicações podem ocasionar em efeitos colaterais e complicações, também como consequências psicológicas como transtorno mentais, muitas mulheres desenvolvem depressão pós-parto, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), impacto na maternidade devido à experiência negativa que afeta a relação mãe-bebe, dificultando a formação de vínculo, cujas consequências repercutem no período pós gestação⁵.

Atualmente as formas de denúncia dessa negligência assistencial é por meio do próprio estabelecimento ou secretaria municipal/estadual/distrital; nos conselhos de classe (CRM quando por parte de profissional médico, COREN quando por enfermeiro ou técnico de enfermagem) e pelo 180 (Central de atendimento à mulher) ou 136 (Disque saúde) ¹⁶.

O investimento em pesquisa epidemiológica estruturadas são essenciais para a compreensão mais profundas desse problema, esses estudos fornecerão informações para o desenvolvimento de políticas públicas mais adequadas para promover uma transformação efetiva das assistências em saúde ¹⁷.

Doenças sexualmente transmissíveis, alterações psicológicas, traumas físicos e psicológicas, gravidez indesejada, são consequências observadas de natureza psicológicas como depressão e comportamento suicida¹⁸.

A pesquisa aponta que a desigualdade que atingem as mulheres no Brasil normalmente aponta para triplicidade discriminação, mulheres negras, que não tem acesso a informação e de em situação social precária, é invisível pela sociedade e vivencia grau extremos de violência que decorrem ao racismo, discriminação social e preconceitos de classes sociais, este estudo demonstra o prejuízo que umas condutas de procedimentos médicos podem trazer para a vida da mulher, como prejuízo à o psíquico materno intátil, pois uns dos casos é a Cesária sem indicação que pode causar insuficiência respiratória ao bebê e a morte da mãe, assim subido o caso tanto de violência obstétrica como de óbitos este estudo demonstra o prejuízo que umas condutas de procedimentos médicos podem trazer para a vida da mulher, como prejuízo à o psíquico materno intátil, pois uns dos casos é a Cesária sem indicação que pode causar insuficiência respiratória ao bebê e a morte da mãe, assim subido o caso tanto de violência obstétrica como de óbitos⁹

Residentes reconhecem a prática da violência obstétrica no processo de formação e suas repercussões para a mulher e, ainda, evidencia a necessidade premente de investimento institucional em espaços que promovam discussões sobre a violência obstétrica³.

Essa violência fica evidente em diversas ocasiões, como na atenção mecanizada e técnica por parte dos profissionais de saúde e, pela presente pesquisa, nota-se que, em parte, esse tratamento ocorre na ausência de acompanhamento da gestante por uma pessoa de sua confiança, razão pela qual é possível afirmar que o cumprimento efetivo de leis que protegem o direito do acompanhante pode reduzir significativamente os casos de violência obstétrica ⁴.

Observou-se uma escassez ímpar de estudos, o que denuncia a necessidade de trazer à luz dos debates em saúde o tema em questão, sobretudo com enfoque no viés étnico/racial, visando uma assistência em saúde no ciclo gravídico-puerperal mais humanizada e satisfatória⁵.

É apontado a necessidade de uma conceituação de violência obstétrica, preferencialmente em documentos legais que a definam e criminalizem. Tal conceituação auxiliará na identificação e enfrentamento dessas situações⁹.

Os enfermeiros têm desenvolvido ações de enfermagem no campo da saúde mental na Estratégia de Saúde da Família, e o apoio matricial atua como principal elemento facilitador da prática de enfermagem, reafirmando a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Em contrapartida, a sobrecarga de ações e a restrita formação em saúde mental são elementos que dificultam o trabalho desse profissional ¹⁷.

Observa que, os profissionais de saúde são essenciais para essas gestantes e destaca que fornecer informações, por meio de palestras, reuniões, compartilhamento de experiência e fornecer conhecimento pode reduzir qualquer forma de violência e prepara a mulher para tomadas de decisões no momento, como também para o parto ¹⁴.

As mulheres negras morrem mais que as brancas, mesmo tendo a mesma escolaridade e o mesmo acesso ao pré-natal. Está comprovado que nós profissionais da enfermagem dedicamos menos tempo na assistência do pré-natal à mulher negra que à mulher branca⁴.

Na perspectiva e análise descreve a importância do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica, pois o enfermeiro que está à frente desde o momento do pré-natal até o momento do puerpério, preza pela atualização da equipe multidisciplinar em relação ao tema, impedindo o avanço desta violência, realizar a capacitação dos profissionais de saúde sobre o tema e prezando pela educação em saúde, pois é visto uma insuficiência de informações e orientar as mulheres para garantir um ambiente respeitoso e cuidadoso centrado nas mulheres, muitas mulheres já sofreram violência obstétrica e sequer sabem disso, ou de seus direitos diante desta situação¹⁹.

Cita dentro desta revisão literária que as causas da violência obstétrica estão relacionadas a fatores socioeconômicos, falta de consentimento e práticas inadequadas cometidas pela equipe de saúde, essas práticas estão associadas a causa de maior risco de depressão pós-parto, devido à Episiotomia desnecessária, cessa sem indicação, anestesia sem consentimento, violência verbal e psicológica, além de violações dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres³.

Para ressignificar o olhar para a violência obstétrica e transformar o parto em um processo mais humanizado e respeitoso, é necessário um conjunto de ações que envolvem tantas mudanças estruturais no sistema de saúde quanto transformações culturais e sociais⁹.

No entanto no último ano foram criadas cartilhas¹¹ pensando no enfrentamento à violência obstétrica e evidenciando boas práticas no intuito de enfrentamento a esse tipo de violência, como por exemplo, manter as mulheres informadas em relação aos benefícios e riscos dos locais de parto, mulheres que estão em trabalho de parto devem ter acesso a todas as informações e serem incluídas na tomada de decisão, devem garantir o apoio contínuo dessas mulheres com pessoas que sejam membro ou não da maternidade, essas mulheres podem ingerir líquidos e dietas leves, o jejum não é obrigatório, outros métodos não farmacológicos de alívio da dor devem ser oferecidos à mulher antes dos métodos farmacológicos, garantir o contato pele a pele da mãe com o bebê³.

Ainda é indicada a qualificação de hospitais de ensino para boas práticas obstétricas, concluindo que para tornar o processo mais humanizado e respeitoso, é preciso desenvolver um conjunto de ações culturais e sociais, bem como a educação para as relações étnico-raciais e população LGBTQIAP+ visando o respeito e a garantia irrestrita ao direito da parturiente humanizado²⁰.

4 Conclusão

Com o presente trabalho concluído, a uma grande importância na assistência exercida pelos profissionais de enfermagem durante o pré-natal a essas gestantes, pois sabemos que o enfermeiro que tem o contato imediato com a gestante no momento do pré-natal, e com isso, desde o início orientar as mulheres sobre diferentes práticas que são considerados violência contra a gestante, fornecer palestras e compartilhamento de experiência com outras gestantes que já passaram por esse tipo de violação, assim como promover um ambiente cuidadoso, respeitoso e centrado a mulher, fornecer uma assistência de qualidade no pré-natal, fornecer informações claras sobre todos os procedimentos médicos realizados e envolver a mulher ativamente em tomadas de decisões referente a mesma, como também todas as causas e consequência que a violência obstetra pode trazer para a saúde da mulher.

Nos presentes artigos dessa pesquisa é evidente a importância a informação e da educação em saúde, também como o preparo desses profissionais para poder conduzir essas situações, promovendo as gestantes uma gestação, parto e pós-parto mais segura, pois é visível a falta de humanização, de preparação e informação voltadas a cuidados de saúde para essas mulheres.

Proporcionando todos os cuidados necessários na atenção primária, promove a diminuição de casos de violência obstetra, sendo possível promover um período gestacional, parto e pós-parto saudável sem traumas psicológicas e físicas, devido a isso é importante a criação de elo entre o profissional e o paciente.

Podemos concluir que é essencial a realização de mais estudos voltados a esses casos de violência, pois mesmo esse tema sendo tão falado ainda sim possui casos dessa violação, que traz prejuízos para as mulheres, que haja a melhoria na assistência voltados a essas mulheres e seus bebês, pois com os devidos cuidados e preparo dos profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros(a) estarão mais aptos para a atuação e aos devidos cuidados dessas gestantes, trazendo-as uma melhor qualidade de vida para mãe-filho.

Referências

1. Trajano, Amanda Reis e Barreto, Edna Abreu Violência obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. v. 25 [acessado 16 novembro 2024], e200689. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200689>>. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/interface.200689>.
2. Magalhães, R. C. M. de. Violência obstétrica enquanto violência de gênero e seu viés racial. *Revista Caderno Virtual*, v. 3, n. 45, 2019. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/cadernovirtual/article/view/3949/1726>.
3. Menezes, F. R; REIS, G. M, SALES, A. A. S; JARDIM, D. M. B, LOPES, T. C. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. *Interface* <https://doi.org/10.1590/Interface.180664>.
4. Almeida, Natalie Maria de Oliveira de; RAMOS, Edith Maria Barbosa. O direito da parturiente ao acompanhante como instrumento de prevenção à violência obstétrica. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, 2020, v. 9, n. 4, p. 12–27. Disponível em: <https://doi.org/10.17566/ciads.v9i4.643>.
5. Silva, Jordany Molline et al. Violência obstétrica: racismo estrutural e patriarcalismo como fatores que invisibilizam o sofrimento de mulheres negras. *Brazilian Journal of Health Review*, 2022, v. 5, n. 4, p.13313 13333.
6. Bohnenberger, Ao menos 40 mulheres denunciaram violência obstetra no Brasil entre 2019 e 2024, [publicado online em 2024] CBN. Disponível em: [Ao menos 40 mulheres denunciaram violência obstétrica no Brasil entre 2019 e 2024 | Brasil | cbn](#).
7. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Postagens: **Violência Obstétrica: conceitos e evidências**. Rio de Janeiro, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/violencia-obstetrica-conceitos-e-evidencias/>
8. Cassiano, A. N., et al. Atuação do enfermeiro obstétrico na perspectiva das epistemologias do Sul. Rio de Janeiro. *Esc. Anna Nery*, v.25 n.1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0057>.
9. Medeiros, T.P.G. et al. Abuso sexual no contexto da enfermagem: Uma análise do conceito. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 2024, v 23, s.n
10. Aragão, A. Debatedores dizem que mulheres negras e pobres são maiores vítimas de violência obstétrica. [Publicado online em 2023] Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/954260-debatedores-dizem-que-mulheres-negras-e-pobres-sao-maiores-vitimas-violencia-obstetrica/#:~:text=Especialistas%20ouvidos%20pela%20Comiss%C3%A3o%20Especial,renda%20s%C3%A3o%20as%20maiores%20v%C3%ADtimas>. Acessado em 15/09/2024.
11. Ministério Público do Estado do Pará,. Cartilha de violência obstétrica. [Internet] Pará, 2024. [Acessado 02/09/2024] Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/data/files/98/56/92/DE/A8A1F8102F73B3D8180808FF/CARTILHA%20DE%20VIOLENCIA%20OBSTETRICA.pdf>
12. Câmara de deputados, debatedores dizem que mulheres negras e pobres são maiores vítimas de violência obstétrica [Internet] 2023. [Acessado 16/11/2024] Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/954260-debatedores-dizem-que-mulheres-negras-e-pobres-sao-maiores-vitimas-violencia-obstetrica/#:~:text=Especialistas%20ouvidos%20pela%20Comiss%C3%A3o%20Especial,renda%20s%C3%A3o%20as%20maiores%20v%C3%ADtimas>

[A3o%20as%20maiores%20v%C3%ADtimas](#)

13. Nascimento MEB do, Sousa Q de CD de, Melo ABO de, Horta TB, et al. Educação em Saúde na Prevenção á Violência Obstétrica. *Braz. J. Implantol. Health Sci.* [Internet]. 10º de março de 2024 [citado 13º de outubro de 2024];6(3):806-1. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1640>
14. Gusmão, R.O.M. et al. Atuação do enfermeiro em saúde mental na estratégia de saúde da família. *Revista Health and Biological Sciences*, vol. 10, p. 1-6, fev. 2022
15. G1, *Cesária sem indicação é associada a risco de 25% maior de mortalidade na infância* [publicado online em 2021] Disponível em: [Cesária sem indicação é associada a risco 25% maior de mortalidade na infância, aponta estudo liderado pela Fiocruz | Saúde | G1.](#)
16. Cancian, T. O que é e quais são os tipos de violência obstétrica:[internet] Jusbrasil, 2020. [Acessado em 05 de outubro de 2024]. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-que-e-e-quais-sao-os-tipos-de-violencia-obstetrica/1185397215#:~:text=Caso%20a%20mulher%20sofra%20viol%C3%Aancia%20obst%C3%A9trica%2C%20ela%20pode,de%20atendimento%20%C3%A0%20mulher%29%20ou%20136%20%28Disque%20sa%C3%BAde%29.?msockid=26234f83c72e68ae1eef5b54c6f86943>.
17. Leite, Tatiana Henriques et al. Epidemiologia da violência obstétrica: uma revisão narrativa do contexto brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 29, n. 09 [Acessado 16 Novembro 2024] , e12222023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.12222023> <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.12222023>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.12222023>.
18. Zarnado GL de P, Uribe MC, Nadal AHRD, Habigzang LF. Violência Obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. *PsicolSoc* [Internet]. 2017;29:e155043. Availablefrom: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i155043>
19. Vasconcelos, A.C.T. et al. Causas e Consequências da Violência Obstétrica: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Contemporânea*, 20023, v.3, n. 12, sn. <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2085/1810>